

CLARICE LISPECTOR

filosofia e literatura

Coordenação de Maria Celeste Natário, Cícero Cunha Bezerra e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: in “Portal da Literatura”

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-4-4

Depósito Legal:

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-4-4/clar>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES – Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

CLARICE LISPECTOR E A TRADIÇÃO DO ROMANCE DE VANGUARDA: CONTRAPONTO

Alessandro Zir

Este texto pontua (criticamente) algumas questões-chaves no que se pode chamar de “fortuna crítica” de Clarice Lispector, essa que se tornou há alguns anos a escritora brasileira de maior projeção internacional (Guerellus, 2020). Buscamos situar a obra de Clarice dentro do que se pode chamar de “tradição do romance de vanguarda”, tendo em vista certas tendências mais fundamentais da literatura moderna¹.

É possível dizer que atualmente há uma tal abundância de leituras sobre a obra de Clarice Lispector que nenhum tipo de análise pode se pretender exaustiva. Fala-se de Clarice dentro da academia e dos espaços jornalísticos mais tradicionais ainda a ela relacionados (como aquele da produção de biografias), mas também em plataformas de disponibilização de conteúdo, blogs, redes sociais.

A relevância deste artigo está no caráter bem mais restrito e definido da tradição do romance de vanguarda. É o que permite a constituição de *um mapa útil* para a navegação nesse amplo universo ocupado por uma escrita na verdade bastante particular (e que ludibria os críticos). Não é o único possível, mas é concreto e efetivo (em alguma medida, incontornável). Pode ser traçado acompanhando-se o surgimento da obra e daquilo que sobre ela ia sendo dito.

¹ Creemos que é possível circunscrever o termo sem incorrer nos erros do historicismo, tendo em vista uma concepção mais constelar do tempo (como a defendida no Brasil sobretudo por Haroldo de Campos em seus trabalhos de crítica). Por exemplo, um certo satanismo literário que pode ser identificado em Milton, Byron, Baudelaire, retoma numa configuração mais ou menos específica questões que remontam também a outros períodos e tradições (étnico-religiosas, bíblicas). Pensar essas questões contrastando-as a um dado contexto (o da escrita de ficção na modernidade) confere-lhes, entretanto, mais força que simplesmente dispô-las de forma abstrata como que “no vácuo”. Muitas análises da obra de Clarice, pertinentes e mesmo ousadas do ponto de vista conceitual, enfraquecem-se justamente pela falta de uma contextualização minimamente adequada, e vice-versa. A importância do tipo de problematização que estamos aqui propondo *a posteriori* foi de certa forma antevista por Earl E. Fitz (1989), autor que tem também, desde então, apontado para afinidades existentes entre a escrita de Clarice e questões emergentes no âmbito do pós-estruturalismo francês.

O divisor de águas tomado como marco fundamental em nossa análise é o livro de Olga de Sá, *A Escritura de Clarice Lispector* (1979), na verdade uma tese orientada por Haroldo de Campos. Publicada cerca de dois anos após a morte da escritora, já encontram-se aí as coordenadas iniciais para elaboração do nosso mapa. Influenciada entre outros pela crítica de Benedito Nunes (mas indo além dela), Olga qualifica a “*escritura*” de Clarice como “metafórico-metafísica” (Sá, 1979, p. 18).

O substantivo em verdade remete ao mais sofisticado da tradição francesa (*écriture*) — teóricos como Roland Barthes, que vem a ser citados inclusive por Nunes numa extrapolação ao seu referencial existencialista mais tradicional (2004, p. 299). Outros conceitos perspicazes utilizados já a essa altura por Olga e Haroldo são “referente volátil”, “espectralização das personagens” e “figuras da indizibilidade”, além do célebre “(*anti*)epifania” (Sá, 1979, p. 11-15; cf. Sá, 1984, p. 269; Campos, 2013, p. 183-88).

É possível argumentar pela pertinência desses conceitos e outros a eles relacionados considerando (além da patente limitação de outras análises) cinco romances da autora que aqui referiremos: *Perto do Coração Selvagem* (1998 [1944]), *A Cidade Sitiada* (1949), *Paixão Segundo GH* (1979 [1964]), *Água Viva* (1998 [1973]) e *A Hora da Estrela* (1998 [1977]), além de alguns contos.

O que dizem de Clarice? Estranhamento

Em âmbito internacional, são vários os críticos que se voltaram para Clarice e dão a dimensão da sua importância atual: na França, Hélène Cixous, estudiosa também da obra de Joyce, nos Estados Unidos da América, Benjamin Moser, também biógrafo de Susan Sontag e para quem Clarice seria a segunda escritora mais significativa da tradição judaica depois de Kafka². Em Portugal, além de Eduardo Prado Coelho, pode-se citar Carlos Mendes Sousa, e também a autora do romance *A Paixão Segundo Constança H*, Maria Teresa da Horta. Há já uma longa e complexa história de tradução das obras de Clarice para o francês, o inglês, o espanhol, o alemão e até mesmo (em menor medida) para outros idiomas como o polonês, a qual tem sido inclusive traçada em alguns estudos (Pereira, 1995; Fitz, 2020; Arf, 2011; Castro, 2013; Gabor, 2017).

² Cixous basicamente diz o mesmo: “Kafka também é inalcançável [irratrapable], exceto por...ela” (1999, p. 114).

Mas Clarice faleceu muito antes do reconhecimento internacional, que remonta à década de 90. Por um período significativo desde o início da carreira foi desconhecida de um público mais amplo, mesmo no Brasil. O que lhe trouxe uma maior projeção foi o trabalho desempenhado junto a veículos de imprensa como o *Jornal do Brasil*, a partir de 1967, quando já havia retornado do exterior e se encontrava separada do marido. Mesmo assim, teve dificuldades com editores (Guerellus, 2020; Sabino e Lispector, 2001, p. 38, 180), e a obra gerava incompreensão e mal-estar.

Um texto (merecidamente) antológico e premonitório foi escrito por Antônio Cândido ainda em 1944, ano do lançamento do primeiro romance (*Perto do Coração Selvagem*), e no título antevendo de certa forma até mesmo o derradeiro: “No *Raiar* de Clarice Lispector” (1970, minha ênfase). Ele aí vai comparar a obra da estreante com a dos nossos dois experimentalistas modernos mais paradigmáticos — Oswald e Mário de Andrade, que teriam rompido com nosso “conformismo estilístico” (1970, p. 125)³.

Tratar-se ia, no caso dos três autores de uma “aventura da expressão”, capaz de estender “o domínio da palavra sobre regiões mais complexas e mais inexprimíveis, ou fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das ideias” (Cândido, 1970, p. 126). A ousadia de Clarice teria provocado em Cândido um “verdadeiro choque”, em sua “tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados”, em que a ficção se revelaria um “instrumento real do espírito” (p. 127).

Especulando sobre as possíveis influências estrangeiras (*Perto do Coração Selvagem* traz em epígrafe uma citação do *A Portrait of the Artist as a Young*

³ A relação mais direta destes dois autores com os movimentos de vanguarda europeia do início do século XX, sobretudo o futurismo, é apontada por Haroldo de Campos, para quem *Memórias Sentimentais de João Miramar* é um marco da prosa (e inclusive da poesia) brasileira (Campos, 2013, p. 14). Em Paris, Oswald teria tido contato direto (conforme relatado por ele mesmo em *Um Homem Sem Profissão*) com o manifesto de Marinetti, bem como James Joyce também o tivera com obras de Boccioni, o que reforçaria em ambos o imperativo de modernização da linguagem e repúdio ao academismo, além do interesse por princípios simultaneístas de composição (Campos, 1990, p. 21-23, 28-29; Oswald de Andrade, 1976, p. 70, 76). Outros traços vanguardistas da obra de Oswald seriam a influência da montagem cinematográfica, a fragmentação e descontinuidade da narrativa e o uso da técnica do fluxo de consciência (Campos, 1990, p. 27, 29-31; cf. 2013, p. 100). De Mário de Andrade, há referências a Marinete e ao simultaneísmo em *Paulicéia Desvairada* (2013 [1922], p. 67, 71 n. 5). Sérgio Buarque de Holanda também equipara a prosa de Clarice à de Oswald de Andrade num texto de 1950, e destaca a influência do cinema sobre o escritor paulista.

Man de Joyce), Cândido alude também a Proust e Poe. Ele fala da necessidade de “quebrar os quadros da rotina e criar imagens novas...associações diferentes”, como meio de protestar contra “os sentidos mecanizados”, numa escrita em que “os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente” (Candido, 1970, p. 128-29).

Segundo Cândido, já nesse primeiro romance de Clarice, a narrativa se desenvolveria

em dois planos, alternando a vida atual com a infância da protagonista... sua existência presente, aliás, possui uma atualidade bastante estranha, a ponto de não sabermos se a narrativa se refere a algo já passado ou em vias de acontecer. Todos esses processos... correspondem à atmosfera do livro, que parece dar menos importância às condições de espaço e tempo do que a certos problemas intemporais encarnados pelos personagens. O tempo cronológico perde a razão de ser, ante a intemporalidade da ação, que foge dele num ritmo caprichoso de *duração* interior... (1970, p. 129, minha ênfase).

Embora Cândido não o refira, talvez o conceito mais preciso para expressar o que está aqui em jogo seja o de “estranhamento”, tal como formulado por um dos chamados (incorretamente) “formalistas” russos, Viktor Chklovski (2001 [1965], p. 82-83, 89, 92-97). Ele diz respeito justamente a quebra da automatização e processos de desfamiliarização que seriam, na verdade, essenciais à literatura e à arte em geral, mas que a vanguarda tende a radicalizar, a ponto de desconstruir princípios mais básicos como o da linearidade temporal (Campos, 2007, p. 15, 37-38, 40, 44-45; cf. Menke, 1998, p. 31; Sá, 1984, p. 269-70)⁴.

Uma das questões em que Cândido, entretanto, é bem menos feliz é a da leitura reducionista e moralista de uma experiência de incomunicabilidade

⁴ A referência de Cândido a Proust (e implicitamente a Bergson, pelo conceito de “duração”) por si só já conecta com essa tradição a leitura feita por ele do texto de Clarice. Quanto a Haroldo de Campos, nas passagens acima referidas, ele lembra ainda (no que diz respeito à questão da desconstrução da linearidade temporal) o nome de Laurence Sterne, além de igualmente os de Joyce e Oswald de Andrade. Olga de Sá refere Sterne tanto no livro de 1979 como num texto sobre Clarice de 1984 (p. 259). Mais adiante citaremos Virginia Woolf, outra autora a quem é atinente essa problemática. É interessante chamar atenção aqui para o fato de que os chamados formalistas russos estavam, como se sabe, muito próximos das vanguardas da época, como as futuristas. O conceito de estranhamento de Chklovski está longe de ser uma mera elaboração teórica desconectada da prática literária (e artística, em termos mais gerais).

da personagem principal: “tudo para ela é possível desde que signifique a realidade do seu eu. Os outros nada valem e não importam”. É um ponto que ele próprio reconsidera, ao admitir em seguida que *Perto do Coração Selvagem* seria “um romance de relação”, e que de um certo momento em diante “o livro deixa de ser o casulo da protagonista” (Candido, 1970, p. 130). Este casulo era (e continua sendo), entretanto, importante, ponto que outros críticos viriam a explicitar melhor.

Referindo-se já na verdade à *Paixão Segundo GH*, Hélène Cixous afirma que “o mais difícil a fazer, ensina-nos o texto, é chegar até a mais extrema proximidade evitando a armadilha da projeção, da identificação. É preciso que o outro permaneça estranhíssimo na sua proximidade maior” (1999, p. 190). E mesmo se mais difícil de discernir, esse imperativo de opacidade pode ser constatado de fato inclusive na primeira obra de Clarice: “nunca vi alguém ter tanta raiva das pessoas, mais raiva sincera e desprezo também. E ser ao mesmo tempo tão boa” — é como o pai de Joana descreve sua mãe (Lispector, 1998 [1944], p. 28).

O que chamamos de incomunicabilidade tem a ver, portanto, também com estranhamento e desfamiliarização, no caso, de ligações afetivas — aquelas mesmas que mais idealizamos, dentro da família, entre pais e filhos. A incomunicabilidade implica que noções como “realidade do eu” e “outros” sejam abismadas uma ao encontro da outra, à beira mesmo do “anormal”, vivenciando-se de fato o risco (legítimo) de cada um se perder na opacidade do próprio “casulo” (termo utilizado, como vimos, por Cândido, mas depreciativamente), porque ele paradoxalmente constitui, enquanto labirinto, uma abertura⁵.

⁵ Evando Nascimento é um crítico brasileiro que tem chamado (mais recentemente e com uma contundência bastante acertada) atenção para questões dessa ordem (retomando conceitos como o do *unheimlich* freudiano, o da má-consciência de Nietzsche, e apontando inclusive para a importância da correspondência entre Clarice e Fernando Sabino no que diz respeito ao entendimento das dificuldades por que passa Clarice para se apropriar da própria escritura) (2012, p. 24-25, 45, 270-71, 282). Foi aluno de Jacques Derrida e professor em Grenoble. É arrojada sua concepção não moralista (mas crítica) de “patologias culturais” como o “instinto de nacionalidade, privilégios de classe, sectarismo regional, autoafirmação egóica, mundo das celebridades” enquanto “*páthos*, paixão de afirmação do mesmo, por exclusão e apagamento de alteridades divergentes” (Nascimento, 2012, 35) — patologias que vemos de fato confrontadas na obra de Clarice. Sua perspectiva nos parece representar um avanço significativo com relação a certas análises de Antônio Cândido e inclusive de Benedito Nunes. Mas há problemas sérios, por outro lado, na leitura demasiado apressada que ele faz de conceitos da filosofia mais tradicional (“*cogito* e sujeito são inventos de Descartes e Kant”, Nascimento, 2012, p. 67, cf. 259), o que não condiz, aliás, com a pers-

Escritura Metafórico-Metafísica e Espectralização

Esse estranhamento entre o eu e o outro (e que diz respeito antes de mais nada à relação do indivíduo consigo mesmo) pode ser pensado em termos de uma *béance* ou *fêlure* em que mergulha a consciência, atravessada por categorias mais básicas da experiência, como o tempo, para dar conta da própria subjetividade. Clarice deve tê-la experimentado intuitivamente, mas o problema é apontado e discutido numa tradição filosófica que remonta a autores como Schelling, passando por Kierkegaard, Nietzsche e Heidegger (Roberts, 1988, p. 123-29), além de estar presente na própria tradição literária moderna.

Pela forma como o tempo aqui constitui uma abertura (não necessariamente linear) que subverte concepções tradicionais de subjetividade e representação, Deleuze aproxima Bergson da mesma tradição (Deleuze, 1983, p. 20 n. 14). O problema ganha uma formulação particularmente precisa na psicanálise lacaniana (Deleuze, 1969, p. 52)⁶, mas pode-se dizer que tinha

pectiva derridiana. Continua faltando (como em Cândido e Nunes) uma certa sutileza de análise (filosófico-contextual), e Nascimento erra inclusive por um reductionismo de leitura ao querer negar, por exemplo (e de forma peremptória), que implicações de ordem mítico-religiosa (e mesmo "mística", ou "sobrenatural") poderiam estar presentes num texto como *Água Viva* (Nascimento, 2012, p. 55, 92, 102, 118). Não há, em Clarice, nada que autorize essa negativa. Sua sugestão de que o verbo "estar" em português "não remete a nenhuma essência" (p. 84) é empobrecedora.

⁶ Ao citar Barthes, no artigo que já referimos acima, Benedito Nunes fala também de "um modo esquizóide de escrever" e de uma "cisão vertiginosa do sujeito" (2004, p. 299), o que mostra uma sintonia do crítico paraense com essa perspectiva (para além do existencialismo de Sartre e Heidegger). Evando Nascimento, por outro lado, nega rápido demais (o que é, como já dissemos, no fundo muito pouco condizente com uma perspectiva como a derridiana) a pertinência da concepção lacaniana de sujeito para um entendimento da escrita clariciana (2012, p. 99). Uma autora que, pelo contrário, afirma essa pertinência é Mariângela Alonso (2016, p. 134), mas ainda fica faltando no caso dela uma melhor contextualização (ou dimensionamento) que pudesse explicar, por que, afinal, (e em que medida) é pertinente o diálogo entre uma literatura como a clariciana e a psicanálise. Em que sentido, por exemplo, seria a perspectiva psicanalítica mais pertinente que a existencialista? Trata-se apenas uma questão de gosto? Autores como Deleuze, Derrida, Blanchot (a par de Lacan) permitem pensar criticamente a filosofia heideggeriana (e por consequência aquilo que um Sartre toma dela), levantando problemas que estão em boa medida já no seu bojo — problemas que são em verdade compartilhados por Heidegger com outros autores, como Nietzsche (sendo herdados igualmente pela psicanálise, sem se esquecer, por outro lado Husserl). A reflexão desses autores não se move no vácuo, e optar por uma ou outra perspectiva devia implicar uma certa visão mínima de conjunto, de forma a que se possa conferir mais força à análise. É essa visão mínima de conjunto que falta à boa parte da crítica

sido de alguma forma antevisto até mesmo na filosofia medieval, em que autores como São Tomás reconhecem que a “existência” (precedendo a “essência”) jamais pode ser passível de determinação conceitual (Roberts, 1988, p. 146-47; cf. Eco, 1997, p. 104-105).

Como dissemos, não é o caso que Clarice tenha inferido o problema da *béance* ou da *fêlure* da leitura de algum psicanalista ou filósofo. Se leu algum, provavelmente viu aí refletidas intuições que já distinguia na própria experiência, e que estão presentes de forma contundente, se mais ou menos difusa, na literatura (especialmente a moderna)⁷. Em termos de crítica, e no Brasil, Benedito Nunes parece ter sido aquele que melhor captou e circunscreveu esse movimento. Trata-se de alguém de quem Clarice — paradoxal e ironicamente (mas de forma muito contundente e autêntica, abismal) — admite “aprender sobre o que escrevi... *Ele me esclarece muito sobre mim mesma*” (*apud* Sá, 1979, p. 47, minha ênfase).

Apesar das análises de Benedito serem tão lúcidas e férteis quanto as de Cândido, é muito provável que tenha lhe faltado também uma maior desenvoltura conceitual, pela dependência de um certo jargão existencialista, como o da “alienação da consciência de si”, do “inautêntico” (Nunes, 2004, p. 298; Nunes, 1969, p. 131). Elaborando, mas de forma que parece bem mais audaciosa e efetiva, essa mesma tradição, Maurice Blanchot em verdade reconhece como parte inevitável (e positiva) da experiência literária moderna, por exemplo, uma “multiplicidade impessoal”, espécie de “não-presença sem sujeito” ou “indefinição crescente que paradoxalmente arrebatava e dissolve” o “eu [*moi*] em sua unidade” (1969, p. 29).

ca, porque toma-se (acriticamente) até hoje por base textos (de Cândido, Nunes, inclusive) que não a elaboraram, e sequer se percebe o quanto ela faz falta.

⁷ Deleuze mostra como o problema da *béance* e da *fêlure* se manifesta de forma acentuada em autores que vão de Zola a Klossovski e Robbe-Grillet, passando por Joyce e Witold Gombrowicz, entre outros (1969, p. 21, 52-54, 373ff). Uma interpretação deleuzeana da obra de Clarice foi proposta, por outro lado, por Fernanda Negrete (2018), num artigo instigante. Já deveria estar claro que a questão da ausência de influência direta perde a importância se nos damos conta de que ambos autores pertencem a uma mesma constelação moderna (literária e filosófica, de pensamento e escrita) para a qual o tempo, por exemplo, cada vez mais se impõe como uma categoria fundamental (não apenas abstrata, mas inclusive vivida) de problematização da consciência (que o torna unidimensional e linear) e da linguagem. O existencialismo faz parte desse contexto, mas está longe (sobretudo nas versões sartreanas ou do Heidegger de *Ser e Tempo*) de deter sobre ele a palavra final. Uma análise do problema da (auto)-referencialidade e sua *mise-en-abyme* no texto de Clarice pode ser encontrada em Lúcia Helena (2000), que tenta contextualizá-lo sobretudo em relação ao barroco, mas de uma forma que nos pareceu ainda (se pertinente) pouco efetiva. Cixous é outra das suas referências.

Nesse sentido ele admite uma autenticidade do caráter alienante da própria cultura de massas (Blanchot, 1969, p. 359 n.1), e em relação à obra de Marguerite Duras, fala de uma “noite para sempre sem aurora — esse salão [*salle de bal*] em que se desencadeou um evento indescritível”, que não somos capazes nem de lembrar nem de esquecer, não pertencendo “nem ao visível nem ao invisível” (p. 567, n. 1; cf. Zir, 2019, p. 172-73)⁸. O comentário nos parece aplicável (em boa medida) também à obra de Clarice como um todo, de forma óbvia sobretudo a partir de *A Paixão Segundo GH* (1979 [1964]), e em *Água Viva* (1998 [1973]) e *A Hora da Estrela* (1998 [1977]).

Quanto aos primeiros romances de Clarice, como *Perto do Coração Selvagem*, Benedito Nunes os caracteriza principalmente em termos “de sondagem introspectiva”, referindo Katherine Mansfield e Virginia Woolf. Mas conforme já apontamos em outros trabalhos, e é de conhecimento geral, em livros como *Orlando* e *The Waves*, essa sondagem leva Woolf (o que é mais importante!) a um questionamento de *categorias mais básicas da experiência* — não apenas a de tempo mas inclusive a de identidade (num processo semelhante ao que descrevemos acima como *béance*) (Zir, 2010, p. 205). E pode-se dizer que isso tudo também já está em jogo no primeiro romance

⁸ O mesmo tipo de vivência seria subjacente à experiência de Kafka com a burocracia do leste, tal como plasmada em obras como *O Castelo* (Blanchot, 1969, p. 581-82). A obra de Blanchot é realmente essencial e em boa medida incontornável por examinar e questionar o legado de autores como Hegel, Heidegger e Nietzsche num confronto muito atento com a literatura (em especial a literatura moderna, e a experiência de escrita). É aterradora a falta de consciência que se tem disso, muitas vezes inclusive quando se usa esse autor e seu instrumental de análise, quase que de forma meramente casual em trabalhos acadêmicos. A análise feita por Leyla Perrone-Moisés da obra de Blanchot em *Texto, crítica, escritura* (um livro importante, com muitos méritos) é descontextualizada, o que lhe leva a uma caracterização equivocada do projeto do crítico e escritor francês como desembocando no “silêncio” ou no “absurdo” (2005, 84-85), às voltas com uma poesia que rondaria “o vazio” e “o nada”. Ora, apenas numa tradição da negatividade hegeliana que culmina em autores como Sartre, tais termos adquirem importância em si mesmos, e Blanchot constantemente expõe a insuficiência dessa perspectiva para dar conta da experiência literária. Esta é constantemente atravessada por “multiplicidades impessoais” (Blanchot, 1969, p. 29), como vimos, ou ainda por um Fora ou um Outro (p. 65, 74), e que ele conceitua também, a partir de uma leitura atenta de autores como Kafka, como uma espécie de insônia intermitente (1955, p. 244, cf. 87 n. 3) e uma “*impossibilidade* de morrer” (p. 105-134). A fraqueza e descontextualização da leitura que Leyla faz de Blanchot é tão mais frustrante quanto num outro trabalho, igualmente importante, ela se mostra capaz de compreender o projeto derridiano (que tem enorme afinidade com o de Blanchot) em termos bem mais justos e abrangentes, como “leitura fina e minuciosa [se problematizadora e crítica] de textos da tradição ocidental” (Perrone-Moisés, 2007, p. 168).

de Clarice, inclusive, conforme vimos, por um certo encasulamento da personagem e estranhamento das ligações afetivas (familiares).

É preciso notar, portanto, que o caráter insatisfatório da “intérmina” “busca interior” de Joana, não é o simples resultado de um “monocentrismo” da autora, cuja narrativa giraria ao redor de um único personagem (Nunes, 2004, p. 293-94). Essa insatisfação é o ponto de partida, o confronto radical com um processo de alienação mais fundamental que envolve o sujeito em sua relação consigo mesmo e com o outro. O distanciamento maior do próprio narrador com relação à personagem já em *A Cidade Sitiada* (1949) — o caráter “maquinal” de Lucrécia, conforme afirma Nunes (2004, p. 294) — é uma elaboração genuína da mesma vivência, em que o sujeito se identifica antes com animais e objetos inanimados (Zir, 2010, p. 206).

Uma caracterização da narrativa de *Paixão Segundo GH* como uma “longa e sofrida introspecção” (Nunes, 2004, 296) é falha no mesmo sentido. Primeiro, porque o encasulamento (para seguir com o termo que retomamos de Cândido) da narradora no quartinho de emprego, escuro e sem ventilação — sua absorção da (e na) substância amorfa interior da barata, num processo de identificação, é antes abertura do que fechamento. E pode ser dito, em certa medida, feliz, tendo o caráter de uma transfiguração paulatina:

...eu ficaria contente se [este livro] fosse lido apenas por pessoas de alma já formada. Aquelas que sabem que a *aproximação*, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente — *atravessando inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar*... A mim, por exemplo, o personagem G. H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria.” (Lispector, 1979, p. 5, minha ênfase).

Não é que o anonimato das letras de *G.H.* conferissem à narrador-personagem uma “precária identidade pública” (Nunes, 2004, p. 296), como se alguma identidade (para Clarice, em sua escrita) pudesse ser outra coisa que não precária. Ao contrário, *G.H. assume*, esposa deliberadamente a precaridade da identidade enquanto tal, que é dada, de forma mais aguda, justamente no anonimato do que é meramente público, e como que não tem intimidade. O “fio dialogal entrançado no leitor” (Nunes, 2004, p. 297) (que, imaginariamente segura em dado momento a mão do narrador), não ultrapassa, mas ao contrário, potencializa essa vivência radical da desidenti-

ficação consigo mesmo, do reconhecimento de uma opacidade irreduzível, de uma espectralização que é quase assombração (feitiçaria) de si⁹.

Como reconhecido pelos autores que mais longe levaram a noção de metaforicidade como característica primordial da linguagem, de Vico a Derrida (passando por Jakobson), o que dela deriva não é uma simples *projeção*, por exemplo, do sensível no inteligível, mas uma total *reversão* dos polos dessas categorias, que se auto-iluminam e se relativizam sem com isso se cancelarem (Zir, 2003; cf. Eco, 1997, p. 162, 165-68, 191, 197). Um termo como o de “espectralização dos personagens” (Sá, 1979, p. 12; Campos, 2013, p. 184), utilizado pontualmente por Olga de Sá e Haroldo de Campos, parece contemplar o que aqui está em jogo de forma mais efetiva que infinitudes de páginas de análise de outros autores. Melhor ainda é aquele, também utilizado por eles, de “referente volátil” (Sá, 1979, p. 14; Campos, 2013, p. 186).

O Referente Volátil

Haroldo faz uma observação semiótica (e semiológica), apontando para o fato importante (e até mesmo óbvio, mas aparentemente nem sempre notado) de que o foco da escrita de Clarice não está na elaboração do significante, ao contrário do que ocorre com outros escritores igualmente inovadores: Guimarães Rosa e James Joyce¹⁰. As palavras e a estrutura da frase, em Clarice, são aparentemente (em termos da materialidade visível dos signos, gráfica, fonética, e sintagmática) as de uso corrente. É na dimensão do significado que ela inova. Conceitos e categorias linguísticas (do humano

⁹ “Vida interior” é aquilo que teria mesmo, quer dizer, essencialmente (e “muito” mais que nós), “a galinha” (Lispector, 1999 [1964], p. 54-55). A frase, obviamente, não tem nenhuma conotação pejorativa, mas mostra justamente que o verdadeiro “interior”, para Clarice, nada tem a ver com esse universo da autoreflexão consciente e subjetiva, caro a um certo existencialismo de cunho fenomenológico (sobretudo o de Sartre). A galinha é essa mesma que comparece (inconsciente e profana) para elaboração do prato mais ordinário na cozinha nossa de cada dia, ou pode ser também (em outros momentos, hipnotizada) sacrificada em terreiros aos deuses africanos.

¹⁰ Guimarães Rosa seria, aliás, um dos poucos autores a ter seguido Joyce no sentido da “criação de um novo léxico”, diferentemente do que ocorre com o uso de técnicas como o fluxo de consciência, bem mais disseminado (Campos, 2013, p. 57-58). Clarice confessa sua franca admiração por *Grande Sertão — Veredas*, que considera uma “obra de gênio”, em carta à Fernando Sabino (Rio de Janeiro, 19 de julho de 1956) (Sabino e Lispector, 2001, p. 135, cf. p. 179).

e do animal, do vivo e do morto, do sujeito e do objeto) são mobilizados e alinhados de forma inusitada, o que afeta (desconstroi) profundamente a função referencial.

Essa abordagem evidencia a proximidade da escrita de Clarice com questões discutidas na semanálise e na teoria moderna do texto, de Júlia Kristeva e Barthes. Esses autores problematizam o caráter convencional, dito arbitrário da língua, que se pode isolar e estudar cientificamente, e rompem com teorias sobre a linguagem que a reduzem às suas funções representativas e comunicativas. Sobretudo a poesia e a literatura, por seu caráter polivalente e descentralizado, diriam respeito à uma dimensão prévia dos processos de simbolização, anterior à emergência da distância ideal entre o signo e aquilo que ele significa (Kristeva, 1969, p. 9-12, 20-21, 35, 96, 190-91, 220, 223; Barthes, 1985, p. 13, 52).

Mesmo que Clarice pouco mexa na estrutura material visível das palavras e da sintaxe, ela atinge a mesma dimensão “pré-simbólica” (a-subjetiva e não-objetiva, por vezes dita *a-bjeta*, porque melancólica e ambivalente) da experiência não apenas humana mas dos *seres vivos* em geral (Kristeva, 1980; 2000, p. 118-19). É uma dimensão que, sob outras roupagens, teria estado na base do monoteísmo hebraico (Kristeva, 1980, p. 111, 218-19), é objeto explícito do misticismo cristão e de outras tradições, sendo depois absorvida pela literatura e guardando até hoje sua relevância (Kristeva, 1980, p. 145-46, 148; 1987, p. 111-121, 137-150; 2008, p. 50-54, 61, 72-76, 83, 90, 131-32, 447-450, 470-73; cf. Derrida, 1999)¹¹.

Já em *A Cidade Sitiada* (mas essa é uma tônica de todas as obras), distinções ordinárias entre sujeito e objeto são borradas, revelando-se o momento

¹¹ A obra de Kristeva é referida por Haroldo de Campos em passagens decisivas da sua obra crítica (ver por exemplo, no caso do material referido neste artigo, Campos & Campos, 2002, p. 522). De resto, as análises da autora, cuja perspicácia, profundidade e caráter inovador equivalem ao melhor da reflexão de cunho semiológico e pós-estruturalista sobre a literatura em língua francesa — se é que não o superam —, são pouco citadas no Brasil. Em *Texto, crítica, escritura*, Leyla Perrone-Moisés aponta corretamente para a coincidência existente entre a teoria da produção textual de Kristeva e a teoria barthesiana da escritura (2005, p. 48), mas sua análise se torna forçada quando ela opta por dissociar Barthes das concepções de Jakobson sobre a poesia (o que Campos não faz). É preciso entender que a contribuição de Jakobson é mais subversiva do que poderia fazer crer a sua aparência funcionalista. O mesmo se pode dizer de Saussure, o que se torna evidente quando vem à tona a sua concepção anagramática da língua. Uma tese de doutorado que propõe uma aproximação entre concepções de corpo subjacentes à obra de Clarice e àquelas propostas por Kristeva (que tem também uma produção ficcional, para além da teórica) foi defendida por Luciana Abreu Jardim, em 2008, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

singular em que pessoas e coisas são reciprocamente constituídas, independentemente do seu próprio entendimento: “a praça estava nua. Tão irreconhecível ao luar que a moça não se reconhecia” (Lispector, 1949, p. 9); “essa era a noite de São Geraldo, os flancos de um cavalo percorridos por rápida contração” (p. 24); “Lucrécia Neves olhou-a e fez com o rosto, imperceptivelmente, a expressão da cadeira (p. 102). Um tempo infinito explode os limites do espaço: “nos primeiros silêncios, uma égua esgazeava o olho como se estivesse rodeada pela eternidade” (p. 24).

Estados animados e inanimados colapsam numa ante-sala da vida: “... a mocinha estremece de medo de estar viva” (não o estando, treme de medo de o estar) (Lispector, 1949, p. 10). Objetos cotidianos assumem, subitamente, um aspecto terrível, impossível de categorizar ou imaginar: “...coisas terríveis e delicadas jaziam no chão. O parafuso perfeito” (p. 52)¹²; “tinha medo de ver num mesmo olhar um trem e um passarinho” (p. 61); “ao seu lado, o menino de porcelana tocando flauta. Uma coisa sóbria, morta, como felizmente jamais se poderia imaginar” (p. 68). Benedito Nunes destaca uma expressão rara (que é mais uma subversão categorial que sintática) de Clarice, em *Água Viva*: “o mundo se me olha”, que exprime essa “torção reflexiva” em que, no *it* divino, tudo se percebe, “intimidade exteriorizada” (Nunes, 2004, p. 298)¹³.

A Experiência do Mal e a Antiepipifania

O “it” seria ao mesmo tempo tanto uma “transcendência dentro de mim” quanto “o pensamento que uma ostra tem” — quer dizer, algo de comum entre o que seria o mais espiritual e mais afastado (no sentido do absolutamente exterior, abstrato que transcende) e o interior material do animal na proximidade do vegetativo (não um ser humano, nem mesmo um vertebrado, mas a ostra) (Lispector, 1998 [1973], p. 30). Ele é neutro no sentido do radicalmente impessoal e indefinido (sobre o qual discorreremos acima com

¹² Compare-se com a passagem famosa de *Rayuela*, de sentido muito semelhante se aparentemente oposto: “*el tornillo fue la paz*” (Cortazar, 1998, p. 545).

¹³ Vamos encontrar o mesmo tipo de torção (trata-se do emprego idiossincrático de um pronome oblíquo, com função de complemento, junto a verbos que desempenham um papel intransitivo) em autores como Joaquim de Sousa Andrade, “meões do nada, desaparecei-me!”, e também (conforme apontado por Augusto e Haroldo de Campos) em Fernando Pessoa e Sá-Carneiro, “p’ra que me sonha a beleza”, “nada me expira já, nada me vive” (Campos & Campos, 2002, p. 42; cf. Sousândrade, 1857, p. 171).

relação a Blanchot), inalienável alienação, que leva ao limite as categorias do existencialismo, da fenomenologia, se é que não necessariamente as supera: “Eu é” (outra subversão antes categorial que gramatical), “aquilo”, “X” (p. 37, 79).

Ao mesmo tempo, *Água Viva* (como outras das obras de Clarice) dá também vazão ao confronto radical com a linearidade cronológica: “estou tentando captar a quarta dimensão¹⁴ do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais” (Lispector, 1998 [1973], p. 9), “estou em luta com a vibração última” (p. 11), “ouço o ribombo oco do tempo, é um mundo se formando” (p. 37)¹⁵. Clarice usa ainda a metáfora “aura do corpo em plenilúnio” e os conceitos “água” (já no título) e “espelho”, em que temos, para além da maleabilidade da matéria, a possibilidade da sua própria espectralização e volatilização em imagem (preservando algum grau de opacidade corporal) (p. 74, 77-80).

Há também aqui algo dessa *noite para sempre sem aurora*, que Blanchot vislumbrou, como vimos, em Duras: “a escuridão é o meu caldo de cultura, a escuridão feérica” (Lispector, 1998 [1973], p. 28), “as inscrições cuneiformes quase ininteligíveis falam de como conceber e dão fórmulas sobre como se alimentar da força das trevas, falam de fêmeas nuas rastejantes” (p. 42)¹⁶. Essa é também uma experiência do *mal* (p. 16), muitas vezes nomeado por Clarice, a que sua escrita inequivocamente se abre: “prece de missa negra”, “será que passei sem sentir para o outro lado?” (p. 20), “perigo de morte da alma” (p. 25), “é assim que pinto a marca de Satã” (p. 26).

Seria esse o lado abjeto e melancólico daquela dimensão pré-simbólica que, como vimos, segundo Kristeva, outrora estando na base da experiência religiosa passa a ser um dos focos por excelência da literatura moderna? Como no satanismo de Byron ou Baudelaire, *muito mais do que de secularização*,

¹⁴ Trata-se de um termo célebre utilizado pelas mais variadas vanguardas artísticas desde o final do século XIX para exprimir concepções *sui generis* de tempo (e espaço), em conexão com indagações metafísicas oriundas de especulações filosóficas e inclusive de ordem religiosa sobre certos avanços da matemática e da física do período (geometrias não-euclidianas, teorias sobre o éter e relatividade) (Henderson, 2013).

¹⁵ Compare-se com o que o narrador diz em *A Hora da Estrela*: “como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?” (1998 [1977], p. 11).

¹⁶ Uma discussão muito arguta de pontos de contato entre as obras de Clarice Lispector e Duras, à luz de uma perspectiva blanchotiana, foi proposta pelo crítico português Eduardo Prado Coelho (1989).

se trata de uma aceitação do avesso do divino¹⁷. Nesse sentido, Blanchot também constata como, na modernidade, de Boehme (cuja *sophia* ecoa no título do conto de Clarice) a Artaud (passando por Hölderlin e Nietzsche), há uma radicalização da experiência negativa da divindade, que é sentida como ausente, e cuja unidade é abismada (embora a ideia de um *Deus absconditus* remonte a períodos bem anteriores) (Blanchot, 1969, p. 437-38, cf. p. 217, 231, 235, 243, 408)¹⁸.

Olga de Sá nos dá um excelente instrumento para pensar esses processos em Clarice quando fala de “epifania irônica” ou “*antiepifania*”. Trata-se da forma como o fenômeno aparece no *Dubliners* de Joyce, que tem por efeito normalmente revelar o beatífico numa reversão irônica, enquanto “sórdido”¹⁹, não deixando por isso de ser igualmente uma transfiguração

¹⁷ Em Baudelaire, o satanismo abriga inclusive um repúdio à ideia de progresso científico (ilimitado) e à correspondente visão demasiado otimista e ingênua de uma natureza, a seu ver, marcada pela queda (e passível de redenção, em última instância, somente pela graça, sendo esse o caso) (McGinnis, 2007). No mesmo sentido, é conhecida a ambiguidade irônica (de fundo bíblico) de um verso do *Don Juan*, através do qual Byron ao mesmo tempo elogiaría e poria sob suspeita a célebre descoberta de Newton: “o homem cai com as maçãs e com as maçãs se levanta” (Black, 2008, p. 134). Macabéa não tem sequer “anjo da guarda” (Lispector, 1998 [1977], p. 62), mas em *Água Viva*, o narrador diz: “a ausência de Deus é um ato de religião” (1998 [1973], p. 55). E no conto “Os Desastres de Sofia”, lemos “ser matéria de Deus era a minha única bondade” (Lispector, 1999 [1964], p. 13) e “a prece mais profunda é a que não pede mais” (p. 25). Em “Amor”, a personagem é atingida “pelo demônio da fé” (Lispector, 2009 [1960], p. 26), sendo “mais fácil ser santo do que uma pessoa” (p. 27). É interessante pensar, como paralelo ao tema da morte de Deus, o da morte da própria literatura, o qual parte também de autores como Baudelaire e chega aos beatniks, não significando senão a recuperação, em literatura, do real e do vivido em toda a sua intensidade e irredutibilidade (Piglia, 2014, p. 164). Conforme entrevistado por Patrícia Vieira (2020, p. 99), esse é um dos *loci* por quais passa a valorização dos animais, sua primazia mesmo com relação aos humanos, no texto de Clarice (ponto que voltaremos a discutir mais abaixo).

¹⁸ Isaac Luria, com sua concepção cabalística do abandono de Deus (*tsimsum*) é uma das principais referências (Blanchot, 1969, p. 169, 171), o que dá ainda mais plausibilidade a autores que tentam entender a relação mais negativa de Clarice com a divindade em termos de suas raízes judaicas (é o caso, por exemplo, de Berta Waldman, 2011). Mas não faz muito sentido invocar essas raízes sem refletir também sobre como o tipo de experiência a que elas remetem já foi reativado de forma fundamental na literatura moderna (conforme aludimos na nota anterior) em vários outros autores (inclusive cristãos), existindo para nós independente delas. Sobre a “maçã”, incluindo a bíblica, a de Newton (que referimos acima), e a da própria Clarice (além de uma de Manuel Bandeira), Waldman escreve junto com Vilma Arêas num texto de 1989.

¹⁹ Clarice talvez preferisse um termo como “oblíquo” ou “insolitamente enviesado” (1998 [1973], p. 68). Num pequeno mas caótico texto também marcado pela influência de Haroldo (e Olga de Sá), e que se peca pela falta de clareza é por outro lado muito rico em sugestões, Luciana Stegnano Picchio adjetiva a epifania clariciana de “noturna”, ao mesmo

do real levada a cabo através do discurso e da palavra (Sá, 1979, p. 150 *cf.* Sá, 1984, p. 269). Desconfiando da linguagem — “ao escrever, lido com o impossível” (Lispector, 1998 [1973], p. 72), “não existe a palavra espelho” (p. 77) — Clarice escancararia “a última barreira no ‘atrás do pensamento’” (Campos, 2013, p. 165; *cf.* Lispector, 1998 [1973], p. 68).

Como em Kafka, a estranheza não é pontual, mas o mundo inteiro (ou ao menos o universo ficcional), de uma hora para outra, se torna bizarro, tudo obedece a uma lógica de sonho (ou pesadelo), não sendo mais possível (como na literatura fantástica mais tradicional) hesitar entre o que seria o ordinário e o sobrenatural (Todorov, 1970, p. 179-81). Lemos em *Água Viva*: “a vida é sobrenatural” (1998 [1973], p. 67, minha ênfase), e a morte, “o impossível e o intangível” (p. 84). Mas isso, como ensina Blanchot, não como um simples prêmio dado, um coroamento tranquilo da boa consciência em sua autotransparência. É que a morte, ao contrário de um fechamento, é um atravessamento infinito (da consciência) pelo que está fora, contato com o derradeiramente outro que em mim me abisma (Blanchot, 1969, p. 65, 74, 76, 267, 275, 484). Ou como diz também Clarice: “morrer é ininterrupto” (1999 [1964], p. 23), “transe”, “febre”, “selva de palavras... que transforma tudo o que sou em alguma coisa minha que no entanto fica inteiramente fora de mim” (1998 [1973], p. 67) — *espécie sui generis de “encontro consigo”* (1998 [1977], p. 86)²⁰.

Desconstelização

Esse “atrás do pensamento” a que chega Clarice, Haroldo de Campos denomina também de “preenchimento da vacância do aparente ou da hiância do

tempo em que se vale do termo “floresta símbolos” (1989, p. 18), o que poderia nos remeter outra vez a Duras (Zir, 2019, p. 178-79). Já Evando Nascimento, ao nosso ver, erra mais uma vez em sua análise ao negar, de forma peremptória, a pertinência do termo epifania para a compreensão da obra de Clarice (2012, p. 106).

²⁰ Em carta de 27 de julho de 1946 (de Berna) a Fernando Sabino, Clarice conta um incidente doméstico: “Depois foi a vez de Martha Baumann que para comprar um maço de cigarros botou o chapéu e saiu por horas como se fosse para colher flores. Afinal saiu para sempre, velha, muito limpa, com as sobranceiras para cima como de um diabinho. Agora vem Anna Michalek, polonesa...” (Sabino e Lispector, 2001, p. 37). Não se sabe porque a primeira empregada não retorna, mas o ato é expresso de forma a dar a impressão de inacabado, eternamente em suspenso: *saiu para sempre*, em vez de, por exemplo, *foi embora de vez e nunca mais voltou*. Em Clarice, mesmo na não ficção, não se trata de mera licença poética, é preciso fazer um esforço para ler a metáfora *literalmente*.

outro” (2013, p. 65), o que pode ser entendido tanto no sentido do estranhamento afetivo, a que vínhamos aludindo mais ao início do artigo, quanto no de uma assunção noturna da impossibilidade de morrer, nos termos utilizados no final da última seção. Mas a escrita clariciana do inescritível aí chega, conforme também vimos, não por uma elaboração sofisticada do significante, pela criação de um novo léxico ou estrutura sintática, mas pela manipulação aparentemente ingênua (senão simplória e pueril) da linguagem ordinária, através de associações (figuras) que produzem erros categoriais desabusados — valendo-se inclusive da “tautologia” e do “ clichê” (Campos, 2013, p. 65).

Esse processo é daqueles que podem de fato ser retraçados ao modernismo de autores como Oswald e Mário de Andrade²¹, mas, como lembra Haroldo, é emblemático também da obra de Manuel Bandeira, a quem chama de “desconstelizador”. Trata-se de operar com “essa linha sutil que separa o lugar comum (a redundância, a frase feita, o clichê) da informação original... por uma simples mudança de ângulo ou enfoque” (Campos, 2013, p. 111). Mário Quintana nos parece ser também um caso: “e sob o aéreo, o implacável, o irresistível ritmo dos teus pés, deixa rugir o Caos atônito”. Em Clarice, essa espécie de diabrura insolente constitui a maturidade derradeiramente alienada e elegante do epílogo.

Em sua última “metamorfose” (das que sabemos), ela a entrega a um narrador-autor masculino, que lhe possibilita uma “coragem sem piedade” (Cixous, 1999, p. 208)²². Trata-se, conforme esclarecido na dedicatória, de uma “história em tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amém para nós todos” (Lispector, 1998 [1977], p. 9). Cixous a denomina de “salmo discreto”, homenagem à “pequena aranha” (estrela) vagando na “grande noite” que então se abate e abre sobre sua autora. Personagem que é outra face de Clarice (estranha alagoano-pernambucana, nascida na Ucrânia), o estereótipo da nordestina — figura arquetípica através da qual

²¹ Sendo este último aquele que “funda” (e em seguida acaba) com o célebre “Desvairismo” (Mário de Andrade 2013 [1922], p. 59, 75). Conforme apontado pelas editoras da obra de Mário em sua versão mais recente, ele assim escrevia a Manuel Bandeira em outubro de 1922: “no Prefácio [à *Paulicéia Desvairada*, eu] já afirmava não desdenhar balouço de versos comuns. A comoção muita vez está num ritmo comum. Os ritmos comuns existiram primeiro na natureza, depois no preconceito. Não há preconceito nem chavão que não tenha existido naturalmente” (Mário de Andrade, 2013 [1922], p. 98, n. 3).

²² Seria possível dizer até mesmo uma *brutalidade beckettiana*.

nossa literatura se reflete, despojada, nas outras (Puig, 1997, p. 144-45, 163-64, 185-88, 221)²³.

Para além de monocentrismo ou dialogismo, retomando deste último o que ele tem de mais radical (“ambiguidade”, “duplo”, Kristeva, 1969, p. 62, 67-68, 88-89; cf. Bakhtin, 1978, p. 90, 115, 140-41), o que vale aqui é a equivocidade do discurso indireto (em primeira pessoa mesmo)²⁴. É um dos pontos

²³ Pode-se falar aqui de um verdadeiro *contraponto* espiritual e obscuro à nossa exuberância tropical mais visível, a que presta homenagem (nessa obra que é igualmente a sua última) Manuel Puig (outro desestrelizador crepuscular da cultura de massas, injustamente ignorado pela crítica acadêmica ao se tornar, com Borges, sucesso de público, cf. Piglia, 2014, 44, 139). Macabéa pode de fato ser dita fruto de uma longa e difusa linhagem que, passando por Guimarães Rosa e Graciliano Ramos (outro “escritor” que inova operando apenas no nível do significado, à beira da afasia, cf. Campos, 2013, p. 226), vai remontar, com Euclides da Cunha, a figuras do entorno do próprio Antônio Conselheiro. E é inclusive um índice da urbanidade avançada às avessas (e mais herética do que laica). Assim, o luxo que Macabéa admira na sala de madama Carlota (a cartomante), é ser tudo de plástico (“matéria amarela” das “poltronas e sofás”, das “flores”) (Lispector, 1998 [1977], p. 72). Outra nordestina que representa aspectos muito similares aos de Macabéa é a personagem Mocinha do conto “Viagem a Petrópolis” (Lispector, 1999 [1964], p. 63-71). Em termos de resistência e modéstia, a elas provavelmente só se comparam as galinhas, que na escrita de Clarice aparecem sempre individualizadas, tendo por capacidades complementares a “da apatia e do sobressalto” (Lispector, 2009 [1960], p. 32).

²⁴ Mieke Bal observa que a principal característica do discurso indireto livre é dar ocasião a uma “interferência entre o texto do narrador e o texto do personagem”, de forma a perturbar e mesmo impossibilitar o estabelecimento de fronteiras precisas no texto como um todo (1997, 50, 52; cf. Barthes, 1985, p. 192-96). É um fenômeno que se dá normalmente com o uso do narrador em terceira pessoa, o que não é o caso do último romance de Clarice (nem de *Água Viva* ou *A Paixão segundo GH*). Mas o deslize equívoco entre autora (através do narrador) e personagem (a própria eminência da noite a desabar sobre ambas) é obsedante, o que remete também à situação de Joana, no primeiro romance, cuja chave, como dissemos, não seria o monocentrismo, mas uma incomunicabilidade, que tanto mais a aproxima dos outros quanto faz com que deles ela se desidentifique, espécie de convergência no estranhamento. Um dos termos utilizados por Cixous é “reserva” (1999, p. 142). Falamos também em estranhamento afetivo. Em carta à Clarice de 10 julho de 1956, Fernando Sabino escreve: “Clarice Lispector é engraçada! Ela parece uma árvore. Todas as vezes que ela atravessa a rua bate uma ventania, um automóvel vem, passa por cima dela e ela morre” (Sabino e Lispector, 2001, p. 19). Na passagem juntam-se vários pontos que assinalamos neste artigo: o estranhamento, cômico e de certa forma brutal, uma identificação direta (mas) com o que não é humano, a impossibilidade de morrer (sendo esse um acontecimento cotidiano repetível ao infinito para um mesmo sujeito). Numa outra carta, de Clarice a Sabino (Berna, 27 de julho de 1946), ela confessa: “la me fazer muito bem abrir afinal meu coração e mostrar afinal a alguém *que fechasse os olhos e não ouvisse*, que horror pode se guardar numa pessoa” (Sabino e Lispector, 2001, p. 38). É a experiência do estranhamento afetivo no limite do incomunicável comunicável, que pensamos ser uma

que melhor revela a insuficiência da perspectiva filosófico-existencialista tradicional à la Sartre (ou mesmo Heidegger), para dar conta da escrita de Clarice. E este é um dos problemas que, ao menos em parte, ao nosso ver, atrapalha Benedito Nunes (e toda uma série de leituras que, sem muito questionar, a ele repetem)²⁵ — o crítico com quem, como vimos, numa formulação paradoxal e nem por isso menos autêntica, Clarice “muito se esclarece” sobre si mesma (*apud* Sá, 1979, p. 47).

Para se encerrar, pode-se dizer que noções como as de “absurdo” (Nunes, 1969, p. 137; *cf.* Perrone-Moisés, 85) não são muitas vezes senão “uma maneira fácil” (Blanchot, 1969, p. 303) de dar um sentido (meramente privativo) a tudo que atravessa e abisma a identidade e uma suposta transparência da autoconsciência na experiência literária moderna. Benedito Nunes, por outro lado (provavelmente pela sua cultura literária), diz coisas que ultrapassam de longe limitações da tradição existencialista (e filosófica) mais tradicional. É o caso de sua observação de que o “fracasso” da linguagem de Clarice “reverte em triunfo” como réplica ao desfecho do *Tractatus Phi-*

constante fundamental de sua obra, de *Perto do Coração Selvagem* à *A Hora da Estrela*. Alienação inalienável. Opacidade.

²⁵ Outra deficiência, apontada numa resenha ainda de 1975 (e também compreensível em função do referencial existencialista mais clássico), é a ausência em Nunes de uma reflexão sobre o problema da “animalidade” (ou mesmo do animismo) de livros como *A Cidade Sitiada* (Lucas, 1975, p. 86). Vimos aqui que justamente, em Clarice, tanto animais quanto seres animados podem adquirir (e de fato muitas vezes adquirem) primazia sobre o humano e o sujeito consciente. Em *A Hora da Estrela*, lemos: “o único animal que não cruza com filho [é] o cavalo” (1998 [1977], p. 37), sendo exatamente um deles que se empina “em gargalhada de relincho”, quando Macabéa é pega pelo “transatlântico” (p. 79). No conto “Tentação” de *Legião Estrangeira*, o cachorro mostra-se “mais forte” que a personagem humana, por ser capaz de ignorá-la de forma definitiva, no momento da separação (Lispector, 1999 [1964], p. 62). Em “O Crime do Professor de Matemática” (*Laços de Família*), o cão também é “estranho e objetivo”, e fonte de “angústia” e “alegria insuportável” para o dono, a quem como que (não depois de morto, mas depois de largado, abandonado, e tendo um duplo morto) assombra (Lispector, 2009 [1960], p. 121, 123). Entre outros exemplos que se deveria citar está o do conto “O Búfalo” (Lispector, 2009 [1969], p. 126-135). A importância da perspectiva dos animais na obra de Clarice é apontada também, como já dissemos, por Evando Nascimento, que ressalta o caráter perturbador da relação homem-animal (2012, p. 13, 30, 129). Mas seu engajamento explícito com uma proibição definitiva das touradas (“um dos espetáculos mais atrozes da história da humanidade”, Nascimento, 2012, p. 129), bem como seu repúdio generalizado à caça (“os bichos sofreram ao longo da humana história todo tipo de sevícia e exterminação, cujo signo máximo foi a caça”, Nascimento, 2012, p. 137) tem algo que parece extrapolar (e inclusive trair) a perspectiva clariciana, mais reservada. Ver ainda Vieira (2020), que faz uma análise bastante aprofundada e convincente sobre o tema.

losophicus, em que Wittgenstein afirma que sobre o inefável se deve calar (Nunes, 1969, p. 139). Não. Porque essa não é a vocação da escritura, que fala mesmo “aos borbotões” [*à tort et à travers*] (como indica Derrida, 1987, p. 543-545) no ponto exato em que uma certa filosofia (e mesmo uma certa crítica, e mesmo uma certa literatura) cala²⁶.

Em sua pequena e modesta obra de escritora “não profissional” — mas em verdade, como lembra Olga de Sá (1984, p. 260) muito atenta à própria técnica — Clarice retoma essa vocação da literatura moderna e de vanguarda. Conforme apontamos aqui, os críticos que a leram de fato com alguma propriedade (Cândido, Nunes) apontaram nessa direção, e aqueles que nos deixaram mais suscintamente os melhores instrumentos para sua análise (conceitos como o de “referente volátil”, “espectralização”, “antiepifania”) são os que partilharam criativamente do mesmo tipo de exigência, sobretudo Haroldo de Campos (como poeta e tradutor, além de crítico), Hélène Cixous.

Bibliografia

- Alonso, Mariângela (2016), “Imagens aquosas e dimensões pulsionais em *O Lustre*, de Clarice Lispector, in *Nonada: Letras em Revista*, n. 27, vol. 2, p. 129-142.
- Andrade, Mário de (2013 [1922]), “Prefácio Interessantíssimo” de Paulicéia Desvairada, in *Poesias Completas*. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, vol. 1, p. 55-127.
- Andrade, Oswald de (1976), *Um Homem sem Profissão*. Sob as Ordens de Mamãe, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Arf, Lucilene Machado Garcia, (2011), “Clarice Lispector e a literatura brasileira no mapa literário europeu”, in *Revista de Filología Románica*, vol. 28, p. 147-156.

²⁶ Encontram-se atualmente uma pequena série discreta de artigos sobre Clarice escritos da perspectiva da filosofia da linguagem anglo-saxã, a qual tem uma penetração bastante significativa (se nem por isso loquaz) no meio acadêmico brasileiro. Trata-se de uma perspectiva cujo mérito principal está na discussão de questões técnicas sobretudo ao que, com Jakobson, poderíamos denominar de função denotativa da linguagem. Seja qual for o foco, no geral ignora-se propositamente questões de contextualização. Wittgenstein é um autor bastante referido, mas em verdade pouco lido na totalidade de sua obra. É preciso dizer que seu interesse ultrapassa em muito a filosofia da linguagem tal como praticada no âmbito acadêmico, que de resto teria pouca relevância para um debate mais ambicioso sobre questões de ordem literária em sentido forte.

- Barthes, Roland (1985), *L'aventure sémiologique*, Paris: Éditions du Seuil.
- Bakhtin, Mikhail (1990), *Esthétique et théorie du roman*, Paris: Gallimard, 1978.
- Bal, Mieke (1997), *Narratology*. Introduction to the Theory of Narrative, Toronto: University of Toronto Press.
- Black, Joel (2008), “Scientific Models”, in Marshall Brown, *The Cambridge History of Literary Criticism*. Vol. 5. Romanticism, Cambridge: Cambridge University Press, p. 115-137.
- Blanchot, Maurice (1955), *L'espace littéraire*. Paris: Gallimard.
- Blanchot, Maurice (1969), *L'entretien infini*. Paris: Gallimard.
- Campos, Augusto de & Campos, Haroldo de (2002), *ReVisão de Sousândrade*. 3ª Edição revista e aumentada, São Paulo: Perspectiva.
- Campos, Haroldo de (1990), «Miramar na Mira», in Oswald de Andrade, *Memórias Sentimentais de João Miramar*, São Paulo: Editora Globo, p. 5-33.
- Campos, Haroldo de (2007), “Serafim: um grande não livro”, in Oswald de Andrade, *Serafim Ponte Grande*, São Paulo: Editora Globo, p. 9-46.
- Campos, Haroldo de (2013), *Metalinguagem & Outras Metas*, São Paulo, Perspectiva.
- Cândido, Antônio (1970), “No Raiar de Clarice Lispector”, in *Vários Escritos*, São Paulo: Duas Cidades, p. 125-31.
- Castro, Thales Augusto Barreto de (2013), *Um outro olhar sobre a literatura brasileira: Clarice Lispector em tradução alemã*, Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Alemã) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- Cixous, Hélène (1999), *A Hora de Clarice Lispector*. L'Heure de Clarice Lispector (Ed. bilingue, tradução de Rachel Gutiérrez), Rio de Janeiro: Exodus editora.
- Coelho, Eduardo Prado (1989), “A Paixão depois de G.H.”, in *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 147-51.
- Cortázar, Julio (2008), *Rayuela*, Edición de Andrés Amorós, Madrid: Catedra.
- Deleuze, Gilles (1969), *Logique du Sens*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- Deleuze, Gilles (1983), *Cinéma 1. L'Image Mouvement*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- Derrida, Jacques (1987), “Comment ne pas parler. Dénégations”, in *Psyché: inventions de l'autre*. Paris: Galilée, p. 535-95.
- Derrida, Jacques (1999), *Donner la mort*, Paris: Galilée.
- Eco, Umberto (1997), *Semiotica e filosofia del linguaggio*, Torino: Einaudi.
- Fitz, Earl E. (1989), “O Lugar de Clarice Lispector na Literatura Ocidental”, in *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 31-37.

- Fitz, Earl E. (2020), “The Reception of Machado de Assis and Clarice Lispector in the United States and Beyond”, in *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, vol. 20, n. 2.
- Gabor, Agnieszka (2017), *A Lesson in Loving the Word: Translating Clarice Lispector into Polish*, Dissertação (Master of Arts in Lusophone Literatures and Cultures) — Departamento de Linguagens, Literaturas e Culturas da Universidade de Massachusetts Amherst.
- Guerellus, Natália de Santanna (2020), «La parole est mon domaine sur le monde: circulation et réception de l’œuvre de Clarice Lispector au Portugal», *Les Cahiers de Framespa*, 33.
- Helena, Lúcia (2000), “A vocação para o abismo: errância e labilidade em Clarice Lispector”, in *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 5, p. 179-89.
- Henderson, Linda D (2013), *The Fourth Dimension and Non-Euclidean Geometry in Modern Art*, Cambridge: The MIT Press.
- Holanda, Sérgio Buarque de (1989 [1950]), “Tema e Técnica”, in *Remate de Males*, Campinas, n. 9. p. 177-79.
- Jardim, Luciana Abreu (2008), *Clarice Lispector e Julia Kristeva: Dois Discursos sobre o Corpo*, Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Kristeva, Julia (1969), *Séméiotiké: Recherches pour une sémanalyse*, Paris: Éditions du Seuil.
- Kristeva, Julia (1980), *Pouvoirs de l’horreur*, Paris: Éditions du Seuil.
- Kristeva, Julia (1987), *Soleil noir: Dépression et mélancolie*, Paris: Gallimard.
- Kristeva, Julia (2000), *Le génie féminin 2. Melanie Klein*, Paris: Gallimard.
- Kristeva, Julia (2008), *Thérèse mon amour. Récit*, Paris: Fayard.
- Lispector, Clarice (1949), *A Cidade Sitiada*, Rio de Janeiro: A Noite.
- Lispector, Clarice (1979 [1964]), *A Paixão Segundo GH*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lispector, Clarice (1998 [1944]), *Perto do Coração Selvagem*, Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lispector, Clarice (1998 [1973]), *Água Viva*, Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lispector, Clarice (1998 [1977]), *A Hora da Estrela*, Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lispector, Clarice (1999 [1964]), *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Lucas, Fábio (1975), “Benedito Nunes. Clarice Lispector” in *Revista Colóquios Letras*, p. 85-86.

- McGinnis, Reginald (2007), «Modernité et sorcellerie: Baudelaire lecteur du XVIIIe siècle», in *Alea*, vol. 9, n. 1, Rio de Janeiro, p. 34-47.
- Menke, Christoph (1998), *The. sovereignty of art: aesthetic negativity in Adorno and Derrida*, Cambridge: MIT Press.
- Nascimento, Evando (2012), *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Negrete, Fernanda (2018), “Approaching Impersonal Life with Clarice Lispector”, in *Humanities*, n. 55, p. 1-18.
- Nunes, Benedito (1969), *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- Nunes, Benedito (2004), “A narração desarvorada”, *Cadernos de Literatura Brasileira*, n. 17-18, p. 292-301.
- Pereira, Maria Marta Laus (1995), “Aspectos da Recepção de Clarice Lispector na França”, in *Anuário de Literatura*, n. 3, p. 109-125.
- Perrone-Moisés, Leyla (2005), *Texto, crítica, escritura*, São Paulo: Martins Fontes.
- Perrone-Moisés, Leyla (2007), *Vira e Mexe, Nacionalismo*. Paradoxos do Nacionalismo Literário, São Paulo: Companhia das Letras.
- Picchio, Luciana Stegnano (1989), “Epifania de Clarice”, in *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 17-20.
- Piglia, Roberto (2014), *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Randon House.
- Puig, Manuel (2016 [1988]), *Cae la Noche Tropical*, Buenos Aires, Booket.
- Roberts, Julian (1988), *German Philosophy*, Atlantic Highlands: Humanities Press International.
- Sá, Olga de (1979), *A Escritura de Clarice Lispector*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Sá, Olga de (1984), “Clarice Lispector: Processos Criativos”, *Revista Iberoamericana*, vol. L, n. 126, p. 259-280.
- Sabino, Fernando; Lispector, Clarice (2001), *Cartas perto do Coração*, Rio de Janeiro: Record.
- Sousândrade, Joaquim de (1857), *Harpas Selvagens*, Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert. Disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional:
http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=83056.
 Acessado em 30 de novembro de 2020.
- Todorov, Tzvetan (1970), *Introduction à la littérature fantastique*, Éditions du Seuil.
- Vieira, Patrícia (2020), “Clarice Lispector’s Interspecies Literature”, in Fernanda Coutinho e Sávio Alencar, *Visões de Clarice Lispector*. Ensaios Entrevistas, Leituras, Fortaleza: Imprensa Universitária, p. 99-115.

- Waldman, Berta (2011), “Por linhas tortas: o judaísmo de Clarice Lispector”, in *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, vol. 5, n. 8.
- Waldman, Berta; Arêas, Vilma (1989), “Eppur, Se Muove”, in *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 161-68.
- Zir, Alessandro (2003), “Da dicotomia metafórico/literal: repensando a questão da primazia”, in *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 4, n. 1, p. 137-47.
- Zir, Alessandro (2010), “A persistência de questões de ordem ontológica na Literatura Moderna: uma perspectiva para a Crítica Literária Moderna”, in *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 16, p. 195-211.
- Zir, Alessandro (2019), “Entre vida ativa e experiência literária: aporias da relação entre o eu e os outros”, in Kathrin Rosenfield, Felipe Gonçalves Silva, *Martin Heidegger e Hannah Arendt: no seu tempo e no nosso*, Porto Alegre: Editra Fi, p. 171-190.